

## **PARTICIPAÇÃO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO EM TANGARÁ DA SERRA-MT**

Luana Gabriely de Almeida Campos, Juliana Dias Scariote, Larissa Dias Scariote e Rodrigo Augusto Leão Camilo

*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Campus Avançado de Tangará da Serra  
rodrigoalc@uol.com.br*

**Resumo:** Este trabalho tem como finalidade analisar como ocorre o processo de inserção da mulher no mercado de trabalho, tendo em vista o seu desenvolvimento e as frequentes ocorrências de discriminação por razões sexuais, as quais são decorrentes de um processo histórico inseridos em lares e escolas. Utilizando como procedimento metodológico a realização de pesquisas de natureza mista aplicadas a mulheres que atuam em diferentes profissões na cidade de Tangará da Serra- Mato Grosso para compreender como as mesmas se posicionam em um contexto de afirmação do lugar da mulher em nossa sociedade e como são tratadas em suas profissões, sendo realizadas pesquisas bibliográficas para o auxílio das discussões, tendo como principal influência os estudos da historiadora Michelle Perrot.

**Palavras-chave:** Mulher; Mercado de trabalho; Evolução; Discriminação.

### **Introdução**

A partir do desenvolvimento tecnológico, as mulheres iniciaram a busca por mais conhecimento e independência, o que provocou um aumento no ingresso das mulheres em escolas e universidades. Como consequência a mulher começou a se instalar em várias áreas do mercado trabalhista, inclusive aquelas que anteriormente consideradas atividades de exclusividade masculina (BRUSCHINI e LOMBARDI, 2002; PERROT, 2005; FERNANDES, 2012). Dessa maneira, houve um alto crescimento de seu número nas empresas, indústrias e universidades, entretanto, ainda há indícios de preconceitos e discriminação expressos nos ambientes de trabalho.

Diante de tais fatores criaram-se leis com o propósito de assegurar a igualdade de salários como o capítulo I, Art.5 da Constituição Federal Brasileira de 1988, o qual postula que todos os cidadãos, possuem os mesmos direitos perante a lei, não havendo distinções de gênero. Assegurando também a ilegalidade, quanto a diferença salarial, de admissão, execução de determinados cargos por razões sexuais no capítulo II, Art.6.

Dessa forma, este trabalho possui como objetivo analisar os fatores que influenciam a inserção das mulheres no mercado de trabalho na cidade de Tangará da Serra- Mato Grosso, buscando resultados sobre as dificuldades e a discriminação ocorrida no mercado de trabalho feminino e refletir a busca constante pela igualdade de gêneros. A pesquisa contou com o apoio de leituras e entrevistas feitas através de um questionário, a fim de trazer resultados objetivos, a partir de métodos qualitativos.

### **Participação feminina no mercado de trabalho**

A partir do século XIX há uma divisão mais clara de tarefas entre o homem e a mulher na qual os “homens pertenciam à esfera pública, pois desempenham de forma predominante o papel de provedor da família, e as mulheres pertenciam à esfera privada, uma vez que o cuidado do lar funcionava como atividade de contrapartida dado o sustento financeiro do marido” (SOUZA E GUEDES, 2016, p.123). Deste modo, pode-se observar que devido a diversos fatores históricos a mulher ainda é vista como a “cuidadora do lar”, dificultando assim sua inserção no mercado de trabalho.

A historiadora Michelle Perrot ao longo de sua produção intelectual, busca identificar como se deu o processo de inserção da mulher no mercado de trabalho, sublinhando as dificuldades, mas também as conquistas femininas nos últimos dois séculos. Por meio de suas pesquisas e uso de diversas fontes como a micro-história, diários, história oral, entre outras, Perrot busca compreender como se deu o processo de intervenção social da mulher. Segundo a autora, existem:

Poderes informais das mulheres que controlam *de fato* a parte mais importante dos recursos e das decisões; nessas condições, a perpetuação do “mito” do poder masculino serve aos interesses dos dois “gêneros”; por trás da ficção desse poder, as mulheres podem desenvolver à vontade suas próprias estratégias. (PERROT, 2001, p.171).

Percebe-se que, sem deixar de reconhecer as grandes desigualdades e dificuldades enfrentadas pelas mulheres no mercado de trabalho, há situações nas quais elas conseguem se afirmar e conseguir seu lugar. Ou seja, as mulheres na visão de Perrot têm o seu papel ativo na sociedade destacado, não sendo apenas vítimas de preconceitos de gênero, mas sim estabelecendo formas de resistência contra as formas de dominação que lhes são impostas.

A historiadora francesa enxerga um processo lento, porém contínuo, de destaque feminino que vem reconfigurando os papéis exercidos pela mulher na sociedade ocidental. Entretanto, há resistências contra essa tentativa de afirmação da mulher contemporânea, pois gera o: “medo daqueles que temem ser desbancados e veem nessa ameaça do poder feminino o risco de decadência da raça e de decadência dos costumes” (PERROT, 2001, p.183). Seguindo essa ideia Serpa (2010) afirma que as mulheres vêm tentando conciliar a vida profissional com as atividades domésticas, já os homens se preocupam mais com o seu crescimento e poder particular no trabalho, valorizando assim a individualidade, diferente das mulheres que valorizam a coletividade.

As mulheres enfrentam diversas dificuldades no mercado de trabalho, dentre elas estão a “condição de classe, gênero, raça/etnia, orientação sexual, idade, religião e outros aspectos de identidade e nacionalidade tem tornado cada vez mais visível a difícil realidade das trabalhadoras” (SERPA, 2010, p.13). Assim, pode-se constatar que todas estas questões podem agravar a inserção feminina no mercado, e esses fatores interferem diretamente na vida profissional e social da mulher. Também sabe-se que podem existir profissões que seriam consideradas para mulheres, e outras para homens, mostrando assim desigualdade referente ao maior domínio masculino nas áreas de maior prestígio. Mesmo com essa desigualdade as mulheres conseguiram alcançar grande parte dessas áreas, mesmo ainda sendo um maior percentual masculino (BRUSCHINI, 2007).

Portanto, partindo da ideia de que as mulheres a despeito de todas as barreiras encontradas na sociedade – especialmente no mercado de trabalho – conseguem obter algum destaque político econômico e social, serão desenvolvidas entrevistas com trabalhadoras na cidade de Tangará da Serra para colhermos informações de quais são os desafios enfrentados

por elas e como são suas experiências para compreendermos a situação da mulher no mercado de trabalho.

## **Metodologia**

Para o desenvolvimento deste estudo sobre a mulher no mercado de trabalho, utilizou-se as teses compostas por Michelle Perrot, a qual se caracteriza pelo estudo do desenvolvimento histórico das mulheres no mercado de trabalho. Portanto, realizou-se pesquisas mistas com um grupo de mulheres que possuem diferentes cargos e salários dentro das organizações empresariais, possuindo como objetivo a análise das informações obtidas acerca da desigualdade da mulher e o seu crescimento no mercado atual. Esta desigualdade pode se apresentar de diversas maneiras sendo em relação a distribuição dos cargos e a diferenciação de salários, aspectos influenciados pelo desenvolvimento históricos da sociedade que acarretam na desigualdade de gêneros.

Dessa maneira, foram elaboradas cinco questões para que atingisse maior abrangência e alcance de diferentes grupos e classes do público feminino. O questionário confeccionado foi aplicado para um total de sete mulheres, as quais possuíam características e carreiras distintas.

## **Resultados e discussão**

Os dados que foram coletados, referentes às pesquisas de questionário, foram expostos de maneira anônima para que as participantes não sejam reconhecidas. As entrevistadas serão identificadas pela letra inicial da profissão que desempenham.

A pesquisa foi realizada com mulheres atuantes no mercado de trabalho e que desempenham diferentes cargos e profissões. Em relação às áreas atuantes escolhidas foram abordadas os seguintes ofícios: Participante A: advogada; Participante B: bombeira; Participante D: empresária comercial; Participante E: empregada doméstica; Participante F: farmacêutica; Participante I: investigadora da polícia militar e Participante P: professora de Instituição Federal.

Em relação aos questionamentos abordados, pode-se constatar que 14% das entrevistadas não concluíram o ensino fundamental, 29% finalizaram o ensino médio, enquanto 43% apresentam ensino superior e os outros 14% possuem mestrado na área em que atuam profissionalmente.

Ao aplicar-se o questionamento de “Como você enxerga o posicionamento da mulher no mercado de trabalho?” obteve-se respostas similares, todas elas relacionadas à evolução profissional feminina na atualidade, no qual a mulher vem ampliando seu quadro profissional e alcançando cargos que antes eram direcionados apenas à homens, entretanto foi exposto pelas entrevistadas que apesar de tamanho crescimento, elas ainda identificam falas discriminatórias e ofensivas quanto ao envolvimento das mesmas em suas respectivas profissões.

De acordo com o exposto pela participante A, “Houve de modo geral um reconhecimento das habilidades e capacidades da mulher, permitindo com isso que chegassem a vários postos de destaque. Contudo, ainda há disparidade de tratamento e reconhecimento em relação aos homens, tanto na parte intelectual quanto financeira. Há estudos que garantem que a mulher tem que se esforçar o dobro para demonstrar capacidade, a fim de galgar algum cargo e ainda continuam recebendo valores inferiores aos homens para executarem a mesma função.”

Em relação ao mesmo questionamento, a participante F declarou: “Comparando com o passado a mulher ganhou seu espaço no mercado, cargos que eram específicos para homens a mulher tem alcançado e operado com excelência. A igualdade ainda não está atingida em 100%, mas as mulheres vêm conquistando e lutando por seus direitos perante a sociedade”.

Em relação ao questionamento “Como mulher atuante no mercado você se sente inferior em relação a algum aspecto?”, foi obtido como resposta em 86% dos casos a resposta “não”, onde a mesmas afirmam que não se sentem inferiorizadas dentro do ambiente em que atuam profissionalmente. Porém 14% responderam que já se sentiram inferiorizadas no seu ambiente profissional.

Ainda referente à questão anterior, foi obtido respostas que se divergem em seus conteúdos, podendo-se destacar o posicionamento da participante I que declara: “Não me sinto inferiorizada, tenho orgulho da minha profissão e me sinto lisonjeada sempre que encontro mulheres atuando em áreas como a minha, quando a mulher ocupa um cargo que anteriormente não apresentava a participação feminina, sinto-me muito contente”. Ela acrescenta que sente grande satisfação quando uma mulher desempenha alguma função dentro do âmbito policial, por ser uma área de maior abrangência masculina.

Ao contrário da resposta anteriormente citada, obteve-se uma resposta positiva da participante A, que posicionou: “Já houve situações em que me sentia inferiorizada, entretanto, há outras situações específicas que os homens podem desempenhar de maneira mais eficaz, já que os mesmos têm compleições físicas e psíquicas que se diferem das mulheres, mas não significa que estas sejam inferiores nestes aspectos”. As falas citadas acima foram as que mais representam os pensamentos e convicções de todas as participantes em relação a inferioridade da mulher no mercado de trabalho.

O questionamento “Você já sofreu algum tipo de discriminação no âmbito profissional por ser mulher?” resultou em respostas que se basearam nas próprias experiências particulares das participantes, abaixo apresenta-se a resposta de cada entrevistada:

- Participante A: “Já sofri discriminação por ser mulher”;
- Participante B: “Sim, por ser mais fraca fisicamente do que o sexo masculino, muitas vezes sou excluída de algumas atividades exigidas pela minha profissão, como levantar corpos de pessoas acidentadas”;
- Participante D: “Sim, devido ao fato de homens se consideram mais capacitados e superiores ao sexo feminino. Eles acreditam que as mulheres não possuem as mesmas capacidades que eles”;
- Participante E: “Não, nunca sofri discriminação por ser mulher, mas sim por trabalhar como doméstica”;
- Participante F: “Nunca sofri nenhum tipo de discriminação, mas estou ciente de que esta forma de discriminação existe na nossa sociedade”;
- Participante I: “Já sofri, até mesmo já ouvi comentários preconceituosos, utilizando das falas “isso não é trabalho de mulher!” ou “lugar de mulher não é na polícia”;
- Participante P: “ Sim, sofri quando estava na função de chefia, percebi que alguns colegas, homens e mulheres, respeitam menos a mulher que está em um cargo superior do que respeitam um homem”.

Diante das respostas obtidas pode-se analisar que a discriminação referente a mulher no mercado de trabalho ainda está muito presente na sociedade atual, visto que cinco entrevistadas responderam positivamente à questão citada anteriormente.

Quanto a pergunta: “Qual o tipo de discriminação você já vivenciou?”, foram obtidas as seguintes respostas: 22% das entrevistadas alegaram não terem sofrido nenhum tipo de discriminação; 12% vivenciaram a insubordinação; 22% sofreram assédio no ambiente de

trabalho; 22% passaram foram já foram apontadas com incapacitadas à função que desempenhavam e 22% sofreram discriminação verbal;

Durante os questionamentos uma das entrevistadas (participante P) declarou seu ponto de vista no que concerne a desigualdade sexual: “A criação que o indivíduo recebe, durante sua formação moral é muito mais importante na questão da desigualdade entre homens e mulheres do que sua formação profissional ou nível intelectual”. Como pode-se observar, a entrevistada afirma que a escolaridade não interfere na discriminação sexual tanto quanto a educação moral, decorrente do modo em que a pessoa foi educada e ensinada no meio domiciliar.

A percepção e entendimento da autora do artigo “Ser homem, ser mulher”, Amanda Silva, se assemelha muito com a da entrevistada, como pode-se constatar abaixo:

Mulheres devem preservar sua imagem sendo recatadas e caseiras e os homens devem ser aventureiros, garanhões e, a todo tempo, comprovar sua masculinidade; a mulher deve fidelidade, dedicação e obediência ao marido, sendo uma boa esposa, mãe e dona de casa e o homem deve exercer a autoridade e ser o provedor do lar (SILVA, 2015, p. 53)

Pode-se analisar as primeiras informações apresentadas no qual 57% das entrevistadas possuem ensino superior ou pós graduação, demonstrando assim que “as mulheres estão tendo mais oportunidades de ensino em universidades, aumentando assim o número de mulheres atuantes no mercado de trabalho” (BRUSCHINI, 2007).

Por fim, pode-se averiguar que mesmo com todas as conquistas das mulheres, ainda existe a discriminação no mercado atual, sendo muitas vezes apresentado de maneira velada, por isso, muitas vezes não é perceptível para a sociedade. Na pesquisa feita 71% das entrevistadas já sofreram algum tipo de discriminação no mercado, sendo ela verbal ou até mesmo o assédio, comprovando assim que existe sim a discriminação atualmente.

De acordo com Silva (2010), a discriminação está escondida em atos que podem parecer inofensivos, mas que estão no cotidiano, como o uso de expressões, palavras com duplo sentido, joguinhos e brincadeiras, e na criação de estereótipos de que a mulher serve apenas como doméstica, mãe, dona de casa entre outros títulos, que acabam sendo um modo de inferiorização e discriminação contra a mulher.

A discriminação contra a mulher no mercado de trabalho ainda é um grande problema na sociedade, porém as mesmas vêm ganhando um grande espaço no mercado, alcançando grandes conquistas. Ao comparar a mulher de antigamente com a mulher atual, percebe-se um grande crescimento de sua posição no mercado, levando-as a conseguirem ter voz nas empresas, indústrias e locais públicos, alcançando de forma discreta a igualdade tanto almejada.

## **Conclusão**

No presente trabalho foram relevantes as pesquisas realizadas com mulheres atuantes no mercado de trabalho juntamente com seus respectivos cargos e informações sobre os mesmos. A partir desse ponto, foi possível o estudo e a análise de como as mulheres estão inseridas no mercado atual, como são tratadas, como se sentem em relação a sua posição e, em alguns casos, o preconceito sofrido por elas em relação a diferenciação de gênero.

Os dados obtidos com a pesquisa trazem fatos socioculturais importantes para todas as pessoas que convivem em sociedade, e buscam expor esse preconceito de gênero ainda

presente no século XXI, mesmo com todas as leis que defendem que todas as pessoas têm direitos iguais, e não devem sofrer diferenciação por gênero, cor de pele ou etnia, pode-se perceber que certos aspectos antigos ainda são reproduzidos de maneira natural, enraizados na forma de pensar das pessoas.

Diante do exposto pelas entrevistadas, pode-se dizer que as mulheres sofrem sim preconceito ainda hoje na sociedade contemporânea, sendo muitas vezes de caráter implícito, por meio de “piadinhas”, olhares maliciosos e atitudes cotidianas, os presentes aspectos são decorrentes de uma herança cultural, a qual é transmitida de forma hereditária dentro do lar e das escolas, onde forma-se a consciência moral dos indivíduos, e que podem ser modificados através do papel da educação, o qual deve trabalhar em prol da desconstrução do machismo na sociedade. Entretanto é de comum senso entre elas, que a mulher vem lutando e ganhando mais e mais espaço no mercado de trabalho e vem buscando especializações em suas áreas de atuação, conquistando lugares que nunca tinham chegado antes, como a presidência da república. Essa evolução ocorre gradativamente e com alguns empecilhos que dificultam esse avanço como a desigualdade de gênero, porém a mulher vem lutando e conquistando seu espaço antes não reconhecido.

## Referências

- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil [recurso eletrônico]. Brasília : **Supremo Tribunal Federal**, Secretaria de Documentação, 2018.
- BRUSCHINI, M. C. A. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. **Caderno de Pesquisa**. São Paulo, v. 37, n. 132, p. 537-572, dezembro de 2007.
- BRUSCHINI, C.; LOMBARDI, M. **Trabalhadoras brasileiras dos anos 90: mais numerosas, mais velhas e mais instruídas**. Disponível em <file:///C:/Users/usuario/Downloads/artigo5.pdf> Acesso em 12 de setembro de 2017.
- FERNANDES, M.A. A Inserção da mulher no mercado de trabalho: um estudo sob a perspectiva da psicologia. **Revista do curso de Administração**. PUC Minas- Campus Poços de Caldas. ISSN 1808-6594, 2013.
- PERROT, M. Minha história das mulheres. São Paulo: **editora Contexto**, 2007, 190p.
- PERROT, Michelle. Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: **editora Paz e Terra**, 2001, 327p.
- PORTAL BRASIL. **Mulheres são maioria da população e ocupam mais espaço no mercado de trabalho**. Disponível em <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/03/mulheres-sao-maioria-da-populacao-e-ocupam-mais-espaco-no-mercado-de-trabalho> Acesso em 08 de julho de 2017.
- SERPA, N.C. A inserção e discriminação da mulher no mercado de trabalho: questão de gênero. Anais eletrônicos [recurso eletrônico]. Seminário Internacional Fazendo Gênero 9 : Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. Florianópolis: **Universidade Federal de Santa Catarina**, 2010.
- SILVA, A. D. Ser homem, ser mulher: as reflexões acerca do entendimento de gênero. In: Mãe/mulher atrás das grades: a realidade imposta pelo cárcere à família monoparental feminina [online]. São Paulo: **Editora UNESP**; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 51-100. ISBN 978-85-7983-703-6.
- SILVA, S. Preconceito e Discriminação: As Bases da Violência Contra a Mulher. **Psicol. cienc. prof.** [online]. 2010, vol.30, n.3.
- SOUZA, L.P.; GUEDES, D.R. A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. **Estudos avançados**, vol.30, no.87, São Paulo May./Aug. 2016.